

Medicina ortodoxa constata o valor terapêutico de suplementos alimentares

por Clive Cookson
do Financial Times

Os suplementos nutricionais estão rapidamente se tornando uma moda nos círculos médicos ortodoxos. Médicos que há 10 anos seriam sarcásticos sobre adultos saudáveis tomando comprimidos de vitaminas, óleo de onagra ou óleo de peixe, atualmente os estão recomendando entusiasticamente para a proteção contra câncer, problemas cardíacos e outros males comuns.

Uma sequência contínua de testes clínicos vem demonstrando que suplementos alimentares podem trazer benefícios à saúde de um amplo leque de pessoas — e não apenas a pacientes que sofrem de raras deficiências nutricionais. Nos anos 80, acumularam-se evidências de que um consumo regular de óleo de peixe reduzia a incidência de infartos e de que o óleo de onagra poderia servir para tratar uma variedade de distúrbios, de dores pré-menstruais a eczema.

A ênfase nos anos 90 recaiu, sobretudo, nos chamados suplementos "antioxidantes", como as vitaminas C e E, que suprimem reações químicas naturais que danificam células no corpo.

"Nos últimos três anos tem havido uma tremenda virada no conhecimento e nas opiniões sobre anti-oxidantes", diz o professor Anthony Diplock, chefe de bioquímica do Guy's Hospital, de Londres. "Existe atualmente um corpo de evidências bastante significativo, em grande parte epidemiológicas, de que esses nutrientes podem reduzir a incidência de distúrbios cardiovasculares, algumas formas de câncer e até catarata.

Centenas de estudos feitos na última década mostram uma forte ligação entre dieta e doença — por exemplo, que comer muitas frutas e legumes ajuda a evitar o câncer, e que o consumo de peixe reduz doenças cardíacas. O que é de novo é a evidência convincente de que os suplementos nutricionais, na forma de comprimidos ou cápsulas, podem reforçar os efeitos benéficos de uma dieta saudável.

Opiniões sobre antioxidantes mudaram nos últimos anos

Neste verão, a Escola de Saúde Pública de Harvard publicou um estudo epidemiológico com 120 mil enfermeiras e médicos, que mostrou que a ingestão de vitamina E adicional durante pelo menos dois anos reduz em cerca de 40% o risco de doenças cardíacas. No mês passado, um estudo sino-americano com 30 mil pessoas na zona rural da China revelou uma redução de 13% nas mortes por câncer entre aqueles que tomaram suplementos antioxidantes ao longo de cinco anos.

Tais evidências provavelmente vão alimentar o crescimento do mercado de suplementos nutricionais, que já alcança perto de US\$ 5 bilhões, mundialmente, e

está se expandindo a uma taxa de 10% ao ano. (Boas estimativas internacionais não são fáceis de obter — em parte porque os limites entre suplementos nutricionais e alimentos de um lado e remédios, de outro, variam em todo o mundo.)

Estatísticas para a Grã-Bretanha, baseadas em números fornecidos por fabricantes e companhias de pesquisa de mercado, mostram que as vendas de suplementos de saúde subiram até 12,5% no ano passado, para 215 milhões de libras. As vendas do óleo de onagra foram as que mais rapidamente cresceram — até 80%, para 32 milhões de libras.

Empresas ortodoxas se mantêm afastadas desse mercado

A proporção da população adulta que toma suplementos cresceu de 19%, em 1986, para 32% atualmente, diz Alan Clements, diretor de marketing da Seven Seas, a principal marca britânica.

No entanto, a indústria farmacêutica ortodoxa continua mantendo distância de suplementos nutricionais e revela pouco interesse em transformá-los em remédios para venda com receita médica. Na verdade, todo o esforço da pesquisa farmacêutica de hoje vai na direção oposta. A maioria dos remédios sintéticos se destina a bloquear um processo bioquímico específico no corpo, enquanto os suplementos conseguem um efeito de grande abrangência preenchendo uma deficiência química natural.

Um motivo pelo qual as companhias farmacêuticas preferem produtos químicos sintéticos aos produtos naturais é que sua proteção de patente é bem mais garantida. Outro é que os regulamentos para licenciamento são mais claros para remédios propriamente ditos do que para os que estão na linha demarcatória entre remédios e suplementos alimentares — onde ainda existem diferenças radicais entre políticas nacionais até mesmo dentro da Comunidade Européia.

A Roche suíça é uma exceção entre as gigantes farmacêuticas. Ela fabrica vitaminas para vender a granel para outras companhias, e também as vende ela própria como remédios e suplementos alimentares. Em 1992, as vendas de vitaminas da Roche subiram 13%, para US\$ 1,6 bilhão. A Roche tem um programa ativo de pesquisa para o desenvolvimento de medicamentos a partir de vitaminas, incluindo novos tratamentos poderosos para acne e outras doenças da pele baseados em derivados químicos da vitamina A.

Com exceção da Roche, o setor mundial de suplementos consiste principalmente de companhias relativamente pequenas concentradas em mercados nacionais ou regionais. Poucas delas têm os recursos financeiros ou o "know-how" administrativo para desenvolver novos remédios a partir de seus produ-

tos, apesar de esses poderiam lhe proporcionar um fluxo de faturamento novo substancial partindo essencialmente dos mesmos ingredientes; mesmo com a atual pressão sobre os preços de produtos farmacêuticos, os remédios dão margens de lucro maiores que os suplementos alimentares.

Uma exceção marcante na Grã-Bretanha é a da Scotia, uma companhia farmacêutica emergente cujas ações vão ser negociadas no mercado acionário de Londres mais para o final deste mês, com uma capitalização esperada de 160 milhões de libras. David Horrobin fundou a companhia em 1979 com a estratégia de vender óleo de onagra como suplemento nutricional — promovido por estudos clínicos mostrando seus benefícios à saúde — e injetando os lucros no desenvolvimento de medicamentos.

A Scotia possui atualmente dois remédios para a venda com receita baseados em "ácidos graxos essenciais" extraídos das sementes de onagra; eles estão licenciados para o tratamento de dor de mama e de distúrbios da pele, eczema. Outros em estudos clínicos avançados incluem remédios para câncer, complicações de diabetes, artrite e artérias obstruídas.

Horrobin admite que alguns médicos ficam ocasionalmente com suspeita da Scotia pelo fato de problemas médicos aparentemente diferentes poderem ser tratados com remédios muito parecidos. Mas ele assinala duas coisas. "Primeiro, cada ácido graxo tem uma ação altamente específica e pequenas diferenças na estrutura podem provocar efeitos drasticamente diferentes", diz. "Segundo, a família n-6 de ácidos graxos, que é encontrada no óleo de onagra e outros óleos, é essencial para a estrutura e o funcionamento de cada membrana celular do corpo. Desta forma, a falta ou o desequilíbrio desses ácidos graxos pode perturbar o funcionamento de cada tecido, provocando um leque diverso de sintomas."

O outro grupo de ácidos graxos essenciais, a família n-3, é particularmente importante para o cérebro, coração e circulação sanguínea e controle de inflamações. O óleo de peixe é a principal fonte de ácidos graxos n-3.

O único remédio na Grã-Bretanha baseado em óleo de peixe é o Maxepa, para o qual a Seven Seas, uma subsidiária da Hanson, recebeu uma licença em 1987. Médicos podem receitá-lo para baixar o nível de gorduras nocivas no sangue.

As vendas de Maxepa são relativamente modestas — cerca de 2 milhões de libras, na Grã-Bretanha, em comparação com 20 milhões de libras anuais para os suplementos de óleo de peixe da companhia. Mas a Seven Seas, diferentemente da Scotia, não quer mudar de fabricante principal de suplementos para companhia farmacêutica, diz Clements. "A Scotia é uma companhia baseada em P&D, ao passo que nós somos realmente uma companhia de marketing que está mais adequada para o mercado de consumo."

Comparados com os de químicos sintéticos, os remédios baseados em suple-

mentos nutricionais tendem a ser lentos e suaves em seus efeitos. Isto pode dificultar a aprovação pelas autoridades regulamentadoras de sua eficácia em testes clínicos de pequena escala.

A Scotia, por exemplo, entrou com pedido de licença para Efabetic, seu tratamento proposto para danos nervosos causados por diabetes, com base num teste com 111 pacientes. Ele comprovou a existência de uma melhoria estatisticamente significativa, mas a Agência de Controle de Remédios da Grã-Bretanha informou à companhia que "uma eficácia convincente ainda não tinha sido demonstrada com um número suficientemente grande de pacientes". A Scotia está patrocinando atualmente novos testes clínicos e espera entrar com novo pedido no final do próximo ano com dados de quatrocentos pacientes.

O obstáculo é igualmente alto nos Estados Unidos. Uma companhia que está tentando transpô-lo é a La Haye Laboratories, de Redmond, Washington, fundada em 1986 com uma estratégia algo similar à da Scotia no Reino Unido. Ela vende Icaps Plus, uma mistura de vitaminas antioxidantes e minerais, como suplemento nutricional, e tem uma mistura similar e mais poderosa em fase final de testes clínicos para o tratamento de duas doenças dos olhos.

"Creio que será o primeiro produto nutricional aprovado (como remédio) pela Food and Drug Administration (FDA)", diz

Remédio baseado nos suplementos tem efeitos lentos e suaves

Larry Laks, o vice-presidente executivo da companhia. A La Haye não está dando chance para o azar. Seus testes clínicos envolvem 2,4 mil pacientes.

Além de evidências epidemiológicas, os cientistas estão começando a compreender como os antioxidantes funcionam "no nível molecular básico", diz Diplock. Em termos muito simples, eles destroem "radicais livres" — moléculas reativas que podem danificar células e provocar doenças.

E mesmo que não façam bem, a maioria dos suplementos provavelmente não vai causar qualquer dano. Diplock, que acaba de concluir uma revisão científica de todas as evidências de segurança sobre a vitamina E, descobriu que ela não tinha efeitos adversos mesmo em doses de 3 gramas diárias — trezentas vezes a dose diária recomendada nos Estados Unidos.

A proporção que engrossa o coro de vozes médicas cantando os benefícios de vitaminas e suplementos nutricionais, tudo indica que o setor vai se expandir rapidamente. Simultaneamente, ele poderá atrair uma maior atenção de outras grandes companhias farmacêuticas que estão atrás de uma fonte segura para novos medicamentos